

## A FORMA DA PREPOSIÇÃO NA FALA DE UMA CRIANÇA

Lou-Ann Kleppa<sup>1</sup>

loukleppa@yahoo.com

### 1. INTRODUÇÃO

Para este estudo foram recortadas as seguintes preposições do sistema de preposições do português brasileiro:

**a até com contra de em entre para por sob sobre**

Estas preposições foram analisadas no *corpus* de fala de uma criança brasileira, que se utiliza do dialeto paulista e foi gravada dos 1;02.11 aos 4;10.06 de idade, à partir de 1976. Esta criança, chamada Raquel (doravante R), foi gravada em sessões semanais ou mensais, com duração variável, superior a meia hora. As transcrições dos dados de R estão disponíveis no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE) da Unicamp.

Durante o manuseio<sup>2</sup> dos dados de fala infantil, pudemos notar uma certa heterogeneidade da fala da criança em relação à fala do adulto. Na fala de R foram encontrados episódios em que há preposições “inesperadas”, ao passo que em outros episódios não são realizadas as preposições “esperadas”. Também foram registradas algumas combinações inusitadas e altamente singulares, que não são da ordem do repetível (entre duas preposições, como *eu vou com chiclete, sem da boca* e verbo + preposição, como *Ó, ó o Pinóquio tá na ... viu?*) e podem ser explicadas com base no funcionamento do próprio diálogo (interrupções, mudanças de tópico discursivo, jogos

---

<sup>1</sup> IEL / Unicamp.

<sup>2</sup> Esta pesquisa se inscreve no âmbito da teoria desenvolvida por De Lemos (1992, 2000, 2001, 2002).

de pergunta e resposta etc.). Dentre as formas heterogêneas foram agrupadas as formas divergentes de concordância em que a preposição estava envolvida, que serão o foco deste estudo.

Consideramos, juntamente com Figueira (1995, 1996, 2001, 2003), que é muito importante analisar ocorrências em que há o que chamamos de “erro”, ou ainda “forma divergente”, porque a forma divergente pode nos dar boas pistas sobre o funcionamento de um dado sistema lingüístico na fala de uma criança, por exemplo. Não se trata de classificar as ocorrências como **acertos** ou **erros**, nem de comparar a fala da criança com a do adulto, mas de tentar vislumbrar as estratégias usadas pela criança para articular sua linguagem.

Esta heterogeneidade não se dá num período de tempo delimitado da vida da criança (como se fosse um estágio/ fase/ período). As **mudanças** ocorridas na fala da criança de um pólo heterogêneo em relação à língua constituída para o pólo próximo da fala do adulto são lentas e não seguem uma ordem ou seqüência previamente estabelecida. Isto significa que a criança pode, num mesmo episódio de fala, produzir formas divergentes ao lado de formas aceitáveis. Acredita-se que um “acerto” enunciado na cadeia de significantes não significa que a criança tenha “conhecimento” da língua, e assim é previsível que “erros” e “acertos” sejam co-existent em sua fala.

Focando as formas divergentes em que a divergência é a concordância em que a preposição está envolvida, podemos notar que a preposição está amalgamada a outros elementos lingüísticos que não apresentam marcas de concordância. O processo de amálgama é descrito pelos gramáticos como sendo uma combinação e/ ou contração, mas o produto resultante não é definido por eles. As construções em negrito nos exemplos abaixo são preposições?

*Linus está apaixonado **pela** nova professora.*

*Woodstock não conversa **cu’as** andorinhas. (registro oral)*

*Charlie Brown deu instruções **aos** jogadores.*

*Snoopy regularmente manda cartas **pro** seu primo.*

*Lucy está **numa** fase agressiva*

*Schroeder gosta **daquele** piano.*

Se os vocábulos em negrito forem considerados como sendo preposições, então é preciso admitir que a preposição pode ser *flexionada*. Stolz (1990) defende esta

perspectiva. Não entendemos que a preposição possa ser flexionada, mas que o **amalgama** da preposição com outro elemento lingüístico que apresenta marcas de flexão pode ser flexionado. Será que todas as preposições podem ser amalgamadas a outros elementos lingüísticos? Quais são as palavras que podem ser amalgamadas a preposições?

Analisando o conjunto das *preposições essenciais*<sup>3</sup> da língua portuguesa, pode-se observar que nem todas podem ser amalgamadas a outras unidades lingüísticas, ou seja, nem todas são *variáveis*. Não será, portanto, possível descrever a classe das preposições de maneira homogênea, porque elas apresentam comportamentos morfo-sintáticos, além de semânticos, diferentes.

A resposta à segunda pergunta será discutida na seção seguinte.

## 2. PALAVRA (IN)VARIÁVEL

Nem todos os gramáticos se detêm sobre a *forma* da preposição, mas os que o fazem optam por uma das estratégias enumeradas a seguir:

1. dizer que a preposição é uma palavra *invariável*,
2. dizer que ela é invariável e apresentar tipos de *combinação* e *contração*, sem perceber que *combinação* e *contração* são tipos de *variação*
3. definir *combinação* e *contração* e apresentar preposições que podem ser combinadas e/ ou contraídas com artigos, pronomes e advérbios de lugar.

1. Góis (1957) e Cunha (1970) assumem que a preposição é uma palavra **invariável**. Isto faz supor que para estes dois autores a preposição não pode ser combinada ou amalgamada a artigos, pronomes ou ainda advérbios de lugar.

2. Souza Lima (1937), Tôrres (1963), Almeida (1969), Melo (1970) e Cegalla (1998) declaram que a preposição é uma palavra **invariável** e em seguida apresentam a distinção entre *combinação* e *contração* como meios de formar um único vocábulo a

---

<sup>3</sup> Algumas gramáticas postulam que as preposições *essenciais* existem em contraponto com as preposições *acidentais*. As preposições acidentais são aquelas palavras vindas de outras classes (advérbios, numerais etc.) que podem funcionar como preposições, mas a rigor não são preposições. As preposições essenciais seriam, então, as preposições “propriamente ditas”.

partir do amálgama de preposição e o outro elemento. Destes cinco gramáticos citados acima, apenas Melo e Cegalla não equivalem a *contração* à *crase* (amálgama da preposição **a** com o artigo feminino definido **a** ou pronome demonstrativo singular ou plural **a/ as**. Esta equivalência pode ser conferida em Almeida, Souza Lima e Tôrres: os autores consideram que a *contração* seja necessariamente a fusão de dois elementos de forma igual, que é o que acontece na *crase*).

Melo e Bechara (1967) explicam que o fenômeno da *contração* acontece quando houver *perda de fonema* de um dos componentes envolvidos no amálgama. Em contrapartida, a *combinação* de preposição com outro elemento *não envolve perda fonética*. Para Bechara pode haver *contração* quando as preposições **a**, **de**, **em** e **por** forem amalgamadas a artigos ou pronomes. Cegalla enumera as preposições **a**, **de**, **em** e **per** como sendo aquelas que podem ser contraídas com artigo ou pronome. De qualquer maneira, ou estes autores têm uma concepção diferente da esperada de “palavra invariável” (palavra que não muda de forma); ou eles simplesmente desconsideram o fato de que a variação pode se dar por combinação ou contração. Como se verá mais adiante, não são todas as preposições que podem ser variáveis.

3. Azevedo Filho (1966), Bechara (1967), Luft (1985) e Lima (1998) **não** assumem que a preposição seja uma palavra **invariável**, o que não significa necessariamente que a discussão sobre a diferença entre *combinação* e *contração*, o que se entende por *contração* e quais preposições se enquadram em qual paradigma seja mais refinada que nos gramáticos mencionados anteriormente. Todos eles, exceto Bechara, tratam a *contração* como sendo exclusividade da preposição **a**, o que mostra que equivalem os conceitos de *contração* e *crase*. Isto indica que os gramáticos definem *contração* pela noção de *crase*, não pelo critério da perda fonética que ocorre no amálgama de dois elementos. Luft destaca-se por incluir **com** e **para** na sua lista de preposições que podem sofrer combinações, (que Melo e Bechara classificariam como sendo *contrações*, já que há perda fonética envolvida no processo de amálgama) considerando assim as formas **ca/ cas/ co/ cos** e **pra/ pras/ pro/ pros** - que são variantes da oralidade do português do Brasil. A lista elaborada por Bechara de preposições que podem sofrer *contração* com artigos do objeto do verbo ou pronomes é a que tem o maior número de preposições: **a, de, com, em, per, para**.

Souza Lima já havia apontado para a junção de **com** com pronomes: **comigo, contigo, consigo**, mas tratou estas junções como se fossem combinações. Se as formas *migo, tigo* e *sigo* fossem hoje autossemânticas (independentes), então se poderia falar

em *combinação*. De fato, do ponto de vista diacrônico, elas já foram formas livres na passagem do latim para o português, em que a preposição era posposta ao pronome:

*me cum > mecum > mecu > mico > migo*

*nos cum > noscum > nosco*

Em sua forma final, a preposição **cum** posposta perdeu seu valor semântico, de modo que se teve de acrescentá-la novamente ao significante, desta vez na posição anterior *com + migo > comigo* e *com + nosco > conosco*. O mesmo processo de *gramaticalização*<sup>4</sup> se deu com os outros pronomes deste paradigma. Possivelmente pelo fato de *migo/ nosco* terem sido palavras plenas em algum período remoto da história, Souza Lima considera que *comigo/ conosco* são resultado da justaposição de duas formas, sem perda fonética de nenhum dos elementos envolvidos. Bechara possivelmente teve outras razões para incluir **com** na lista das *contrações*: assim como **para** é contraído no registro da oralidade: **pra/ pras/ pro/ pros**, a preposição **com** também é contraída: **cu'a, cu'as, cu, cu's**<sup>5</sup>.

Como pudemos ver, as três estratégias de se apresentar ao leitor a variação da forma das preposições estão muito bem representadas por gramáticos de prestígio. A razão da falta de consenso entre os gramáticos parece ser o caráter categórico que uma gramática precisa impor à língua: ou a classe de todas as preposições é formada por palavras invariáveis, ou não. Ou a preposição é elemento da categoria funcional ou não. É preciso levar em conta, no entanto, que há preposições com comportamentos morfológicos e sintáticos – e semânticos, claro – diferentes, e que por isso elas não formam uma classe homogênea.

Apenas algumas preposições podem ser amalgamadas a outras unidades lingüísticas, sendo que há restrições para cada uma das preposições.

**Com** e **por** somente podem ser amalgamadas a artigos definidos, com a ressalva de que **cu'a(s)** e **cu(s)** são contrações observadas apenas no registro da oralidade.

**A** pode ser amalgamada a artigos definidos e as formas do artigo demonstrativo *aquele/a(s)*.

---

<sup>4</sup> O leitor é remetido para a seção 4.

<sup>5</sup> Ao menos na variante paulista.

**Para** pode ser amalgamada a artigos (definidos e indefinidos) e pronomes demonstrativos. No registro da oralidade, é possível observar a contração da preposição com as formas singular e plural do pronome pessoal *você* (*procê*).

**Em** pode ser amalgamada a artigos (definidos e indefinidos) e pronomes pessoais do caso reto da terceira pessoa (*nele/a(s)*), demonstrativos de toda sorte e pronomes indefinidos variáveis iniciados por vogal (*algum/ a(s)* e *outro/a(s)*).

**De** pode ser amalgamada a todas as palavras que também podem ser amalgamadas à preposição **em**, mais os advérbios de lugar: *aqui, aí, ali* e *onde*.

As formas amalgamadas em que há as preposições **com** e **para** não são comuns na escrita do português brasileiro, sendo que todos os outros amálgamas, exceto **de** + *onde* são obrigatórios. Ainda não se chegou a um nome adequado para o produto resultante de um amálgama entre a preposição e outro item.

Como já foi mencionado anteriormente, Stolz (1990) considera que se uma palavra for combinada (com ou sem redução fonética) com outra que tem flexão de número e gênero, como é o caso dos artigos e pronomes, então a palavra resultante desta fusão é considerada como sendo uma **palavra flexionada**.

Linguistas que trabalham no quadro da Teoria Gerativa não consideram que a preposição seja um item flexionável. Riemsdijk (1978), Schellinger (1985) e Rauh (1991) defendem que o produto do amálgama da preposição com outro elemento é um **clítico**. No contexto desta teoria, as preposições podem ser núcleos de sintagmas; e núcleos não podem ser subdivisíveis, portanto uma preposição não pode carregar marcas de gênero ou plural.

Fora do âmbito da Teoria Gerativa, autores como Hopper & Traugott (1993), Rubba (1994) e Di Meola (2001) defendem que a preposição é um elemento **invariável** e que o resultado de seu amálgama com outros elementos deve ser chamado de **clítico**.

Klaus (1999) cita Kürschner (1997) e assume que as preposições sejam **alomorfes portmanteau**.

Todos estes autores notam que a preposição pode (em alguns contextos deve, senão a expressão se torna agramatical: *\*começar por o livro do meio*) ser amalgamada a outros elementos da oração, mas para preservar a uniformidade da classe das preposições, afirmam que a ela seja composta por elementos invariáveis:

O fato de que algumas preposições formam amálgamas com artigos em que há redução fonética, dá ensejo para a pergunta se as preposições podem ser tomadas como classe de palavras flexionáveis. (...) [Segundo] Kürschner (1997:85), trata-se de alomorfes portmanteau nos amálgamas de preposições com artigos em que há perda fonética, de modo que a preposição possa ser considerada como sendo elemento que não admite flexão. (Klaus, 1999 – p. 227, tradução minha)

Partilhamos da concepção de Kürschner de que se trata de alomorfes portmanteau nos casos de amálgama de preposição com artigo. Em nossa opinião, a característica da não-flexão é constitutiva da classe das preposições. (Klaus, 1999 – p. 104, tradução minha)<sup>6</sup>

Para os fins deste estudo não é crucial tomar partido e decidir se a preposição pode ser *flexionada* ou se o seu amálgama com outros elementos é um *clítico* ou *alomorfe portmanteau*. O que importa é perceber que algumas preposições bem específicas podem ser amalgamadas a outros elementos lingüísticos e essa possibilidade é denominada de *variação* aqui.

### 3. FORMAS DE CONTRAÇÃO DIVERGENTES

Dentre as formas divergentes da fala adulta enunciadas por R, estão “erros de concordância”, de modo geral, que podem ser subdivididos em termos de:

1. concordância de número,
2. concordância de gênero e
3. contrações.

Seguem episódios de fala ilustrativos de cada um dos três casos listados acima:

1. Concordância de número

---

<sup>6</sup> O original em alemão: “Die Tatsache, dass manche Präpositionen Verschmelzungen mit Reduktionsformen eines Artikels bilden, gibt Anlass zur Frage, ob Präpositionen auch als flektierbare Wortart gelten können. (...) [Laut] Kürschner (1997: 85), handelt es sich bei den Verschmelzungen von Präpositionen mit Reduktionsformen eines Artikels um Portmanteau-Allomorphe, so dass die Präposition uneingeschränkt als unflektierbar gelten kann.” (Klaus, 1999: 227). “Wir teilen der Auffassung Kürschners, dass es sich bei den Verschmelzungen um Portmanteau-Allomorphe handelt. Die Eigenschaft der Nichtflektierbarkeit ist unserer Meinung nach für alle Präpositionen konstitutiv.” (Klaus, 1999: 104).

M: O quê que o homem tá fazendo?  
R: Tilando leite da vacas. [(SI)]  
M: [Da, “da vacas”? E o galo?]  
R: O galo faz assim: cocorocóóóó! (R: 2;04.19)

R: (SI) faz de conta que é/ que é dos carro do ... de polícia, tá?  
M: Dos carro de polícia?  
R: Que eu tô contano!  
M: Vai, manda vê! (R: 3;01.10)

Foram escolhidos os dois únicos modos possíveis de não concordar a preposição com o sintagma nominal que ela introduz em termos de número: marcando ou apenas a preposição amalgamada ao artigo ou apenas o sintagma nominal. No primeiro episódio o amálgama da preposição com o artigo apresenta marcas do gênero, mas não do número do elemento que ele introduz, e no segundo episódio o amálgama da preposição com o artigo tem a marca de gênero que o sintagma nominal também tem, mas a marca de número não é expressa nele, estando presente apenas na preposição. O total de todas as ocorrências de “erros” de flexão de número na preposição revelou um resultado inesperado para a pesquisadora: a maior parte das ocorrências é de amálgamas de preposições com artigos que não marcam a flexão de número que o sintagma nominal que elas introduzem carrega (*na duas, da vacas, no zóio, no bois, numa coisas*). Esta marcação ocorreu mais frequentemente do que a marcação esperada, em que o determinante é o único portador de marca de plural (*dos carro, nas casa*), já que este tipo de recurso é recorrente no português coloquial: *Os smurf mora tudo em casa de cogumelo* ao invés de *Os smurfs moram todos em casas de cogumelo*; ou ainda a variante regional possível *Ques tribo Asterix salvou dos romanos?* ao invés de *Que tribos Asterix salvou dos romanos?*

Uma ressalva deve ser feita ainda no tocante ao recorte que a criança faz das unidades lingüísticas. A criança não tem a palavra escrita e os espaços em branco entre uma palavra e outra como apoio para recortar unidades lingüísticas significativas. A criança recorta unidades da cadeia sonora que ouve de seu interlocutor, e este recorte pode ser diferente do recorte que adultos letrados fariam. Assim, tem-se registros de crianças que recortam fragmentos discursivos da fala do outro, como “*oquêqui*” (O quê que ...) como uma unidade, ou ainda “*temque*” (Tem que ...). Neste mesmo sentido, é possível que a criança tenha recortado *zóio* como sendo uma unidade de sentido,



deixando o seu determinante sem a marca de plural: *outo zóio*, no episódio a seguir. É possível ainda que o/a transcritor/a tenha feito este recorte, que na fala da criança aparece como um bloco *outozóio*. Qualquer que tenha sido o recorte feito pela criança ou pelo/a transcritor/a, o amálgama da preposição com o artigo (**no**) que introduz *outo zóio* não é flexionado de acordo com o número do nome que ela introduz:

(R brincando com o estojo de maquiagem)

M: Ai, isso também é sombra, deixa eu vê.

R: Eu vi.

M: Hum! É outra sombra. Mas você já tá com uma. Eu vou passar ne mim, quer ver?

R: Eu vou passá **ne** mim.

M: Ó.

R: Eu vou passá **ne** mim.

M: Fiquei bonita!

R: Passa **no outo zóio**.

M: Ah, no outro, no outro zólho. Isso! Ótimo! Passa, vai passando.

R: **No** meu.

M: No seu? ... Hum.

(R: 2;04.26)

Podemos especular que R esteja usando aqui a forma plural *zóio* ao invés de usar a forma singular *olho*, como indica a fala da mãe, que repete *no outro zólho*, sem retirar do nome as marcas de plural que a preposição amalgamada ao determinante não possui. Notemos ainda que a mãe repete, em tom de pergunta, as falas de R em que não há concordância de número nos dois primeiros episódios apresentados acima e repete a fala de R em que não há concordância de número no terceiro episódio.

## 2. Concordância de gênero

R: Depois eu ponho **no bulaquinha** tchiiih!

M: Buraquinho do posto?

R: [Tsiiih!]

M: [Tá enchendo] a, a (SI), o carro de gasolina?

R: Tsiiih! ... Depois **no** eseu seu, esse eu ponho **no** seu. Tsiiih! ... tsiih Vô pô **no** bulaquinho.

(R: 2;06.19)

R: **Na** festa, né, Lela, **na**quela festa di ontem ... de oooontem ... sabe o que aconteceu?

D: Onte/ de ontem?

R: A amiga da mamãe falou assim: (MIA) pronto, ela vai fazê xixi, pô pijama, **i pa** **carra**, **i po** **carra** e ... êh ... ah ... ê ... e o amigo da mamãe errô, e a mamãe falô: não/ não/ não/ não é pra Raquel ir fazer xixi, pô pijama e ir **pra** cama.

D: (rindo) ai, que engraçado. (R: 4;08.05)

Nestes dois episódios, as marcas de número são as mesmas no amálgama da preposição com o artigo e no sintagma que ele introduz, mas as marcas de gênero são divergentes. Em ambos os episódios, o amálgama da preposição tem a marca de gênero masculino do sintagma que ele introduz, que teve seu gênero alterado. No segundo episódio de fala de R, aconteceu uma reformulação do gênero no amálgama da preposição, mas o gênero do sintagma nominal subsequente à preposição se manteve alterado. Estes foram os dois únicos casos em que não houve concordância de gênero detectados no *corpus* de R. É de se notar que as duas únicas formas divergentes de concordância de gênero se deram porque o núcleo do sintagma nominal que a preposição introduz teve seu gênero alterado (*bulaquinha* e *carra*). O amálgama da preposição com o artigo contém a marca do gênero original do nome que ele introduz.

### 3. Contrações

D: Ah, eu tô em Japão.

M: No Japão?

D: É.

M: Noooooossa, ma/ muito mais longe!

R: Ah, não, tava **em Rio de Janeiro**.

M: Então vai, faz ginástica aí com a sua filha. (R: 3;07.16)

M: O quê que você tá fazendo quando você faz “tááááh!”, o quê que é? ... Hein? O quê que é, quando você faz “tááááh!”, o quê que é?

R: Ah! Não vou bincá disso, vamo bincá **de** ca/ vamo bincá **de/ de** isso?

(R: 2;09.01)

Nestes dois episódios a contração do artigo do sintagma nominal que a preposição introduz com a preposição não ocorreu. No primeiro episódio R precisava saber se o nome do local que ela usou aceita artigo ou não (*Formiga Atômica mora em Florianópolis / Penélope Chamosa está no Rio de Janeiro*). Um olhar sobre os dados de R revela que há uma certa instabilidade quanto aos artigos de nomes de localizações geográficas: foram computados um *na Araraquara*, um *no Santos*, três *em Japão* e um *em Rio de Janeiro*. À procura de uma sistematização do emprego de artigos para nomes de localidades, foi-se a Bechara (1967), mas logo se percebeu que o método utilizado na gramática não é explicativo, mas “exemplificativo”:

(...) Constuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

**a** Suécia, **o** Atlântico, **o** Amazonas, **os** Andes, **a** Groenlândia.

Entre nós, dispensam artigos os nomes dos seguintes estados: Alagoas, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Pernambuco e Sergipe.

NOTA: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou com adjetivos: São Paulo, Belo Horizonte.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: **a** Bahia, **o** Rio de Janeiro, **o** Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe **el-Kahira** (a Vitoriosa), dizemos com artigo **o** Cairo.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: **o** Recife. Modernamente, pode dispensá-lo. **Aracaju**, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade. (Bechara, 1967 - 303-304)

Parece que o emprego dos artigos em nomes de localidades é arbitrário, o que se reflete na fala da criança, que os emprega aleatoriamente.

O segundo episódio de R apresenta um outro caso de contração da preposição não realizada. *Brincar de isso* deveria ser reduzido: *brincar disso*, já que neste caso a preposição deve ser contraída com o pronome demonstrativo que a sucede. Nestes dois episódios transcritos acima, R manteve invariáveis duas preposições que deveriam ter sido contraídas com outros itens lexicais, segundo as normas da língua portuguesa.

Foram computadas três formas de contração que, em princípio, são legítimas: o amálgama da preposição **de** com o artigo definido do nome que ela introduz. No entanto, estas contrações se mostraram idiossincráticas na fala de R. Este tipo de formas divergentes causa estranhamento, porque não era previsto que pudessem ser inaceitáveis:

R: Manhêêêê? Num quero mais brincá dos bichos (MIA) quero brincá do Playmobil.

M: Num tem Playmobil aqui. (R: 4;00.24)

M: A lâ vem do carneiro.

AG: É.

M: Né, Quel?

R: Teeem lá no meu brinquedinho que eu ganhei do meu aniversário, né?!

(R: 4;05.04)

*Brincar de bichos, de Playmobil e ganhar de aniversário* são perfeitamente aceitáveis, mas quando a preposição **de** é amalgamada ao artigo dos adjuntos que ela introduz, as construções causam estranhamento. *Brincar* é um verbo monovalente, que, como foi observado a partir dos dados de R, aceita quatro tipos de adjuntos: **com** [pessoa], **com** [brinquedo], **de** [oração infinitiva] e **de** [nome da brincadeira]. A preposição **de** não será contraída com outro item lingüístico em nenhum dos casos: \**brincar da casinha*, \**brincar do esconder*. O mesmo se aplica ao verbo *ganhar*. Se o verbo tiver o sentido de “receber”, ele será trivalente, ou seja, terá a estrutura argumental: *alguém*(1) ganha *algo*(2) [**de alguém**](3). Se a preposição introduzir um argumento do verbo, então ela será amalgamada com o artigo do elemento que ela introduz:

*Mickey ganhou um presente da Minnie.*

Se o elemento que a preposição introduz não for um argumento do verbo, mas um adjunto, então ela não será amalgamada ao seu determinante:

<i>Tico ganhou uma avelã de presente</i>	(o presente)
<i>Teco ganhou uma noz de Natal</i>	(o Natal)
<i>Pateta ganhou um sorriso de manhã.</i>	(a manhã)

Aliás, em todas as especificações temporais detectadas no *corpus* de R a preposição **de** não ocorre amalgamada aos artigos de palavras que indicam especificações temporais. Tem-se assim *de noite*, não *da noite*, *de dia*, não *do dia*, *de recreio*, não *do recreio* e, surpreendentemente confirmando a regra, *de cinco horas*, não *das cinco horas*:

(As sessões de gravação sempre terminam às cinco da tarde)

R: Uuué, mã, jááá passô di/ di ciiinco, mã?!

M: (SI) desligava ... deixa eu ver.

R: Já passô, óh. (R: 4;05.14)

Houve um caso excepcional em que não houve nem a contração da preposição com o artigo do sintagma nominal, nem a concordância do gênero do sintagma nominal (que foi alterado) com o gênero do seu artigo:

- R: Cadê o ca/ aquele cassorinho banco?  
(algo cai)  
M: Tava lá em cima e caiu (ri)  
R: Não, aquele cachorrinho branco ... Cadê?  
M: Ei! Será que num é este?  
R: Num é não. Aquele? Aquele que foi pa a Unicampo, aquele ... aquele? (insiste)  
M: Ah! Que tava na caixa de brinquedo?  
R: É. (R: 2;06.12)

A contração de **para** e o artigo **a** era esperada neste contexto, porque no registro de fala coloquial este tipo de contração (**pra**) é usual. O gênero de *Unicamp* foi alterado e agora é masculino: *Unicampo*, mas o seu determinante continua feminino: *a Unicampo*.<sup>7</sup>

Em suma, foi possível observar, através dos dados de R que somente poucas preposições podem ser amalgamadas com outros itens lingüísticos, quando estes itens forem determinantes de argumentos do verbo. Quando a preposição intermediar entre o verbo e um adjunto, a preposição que poderia, a princípio ser contraída com o determinante do adjunto, não será amalgamada com outra unidade lingüística. Será que estes comportamentos diferentes das preposições podem ser explicados através de alguma noção que possa ser aplicada a diferentes níveis lingüísticos? Na seção seguinte tentaremos mostrar um critério que permite (i) distinguir as preposições que podem ser amalgamadas a pronomes e artigos daquelas que não podem ter sua forma alterada, além de (ii) diferenciar as preposições que apresentam um conteúdo semântico específico daquelas que apresentam um valor semântico opaco e (iii) discernir as preposições que podem introduzir apenas adjuntos do verbo daquelas que podem introduzir adjuntos e argumentos.

---

<sup>7</sup> Soube-se recentemente que nos dados das crianças documentadas no Projeto de Aquisição disponíveis no CEDAE, o vocábulo *Unicampo* é recorrente. Este fato foi atribuído ao uso deste vocábulo pelas faxineiras, empregadas e diaristas que trabalhavam nas casas destas crianças e que deve ter influenciado sua fala. Este fenômeno pode ser explicado por várias maneiras, duas delas são: não há, em português, palavras terminadas em -p, portanto uma vogal preenche este espaço vazio: *Unicampo*. Poderia ser a vogal - i, como acontece em “*hóti dógu*”. Outra explicação seria a busca por um sentido: assim como *sustar* (um cheque) não faz sentido para algumas pessoas, e é comum ouvir-se falar em “*assustar um cheque*”; *camp* igualmente não faz sentido, ou tem um referente no mundo, ao passo que *campo* tem. Assim os brasileiros se divertem com *Unicampo*, “*açúcar mascado*”, “*açúcar mais caro*” ao invés de açúcar *mascavo* e “*cebolas afogadas*” ao invés de *refogadas*.

#### 4. GRAMATICALIZAÇÃO

Não há apenas uma definição para o fenômeno da *gramaticalização*, mas em linhas gerais trata-se de um fenômeno observável diacronicamente, em que um item **lexical** passa a item **funcional**. A palavra tem seu conteúdo semântico esvaziado, assume uma posição fixa na sentença, pode sofrer perda fonética e pode tornar-se um morfema. Quando assumem características funcionais, itens gramaticalizados se tornam bastante produtivos na língua e portanto são bem frequentes<sup>8</sup>.

Para entender melhor o conceito de gramaticalização, tomemos a preposição **de**, que apresenta um comportamento diferente da preposição **contra**, por exemplo. Ao passo que uma precisa ser amalgamada a outros itens lingüísticos, tendo assim a sua forma alterada, a outra não pode ser amalgamada a outras palavras, nem sua forma pode ser alterada.

Se pensarmos no conteúdo semântico das duas preposições, chegaremos à conclusão de que **de** não tem apenas um sentido, mas vários, que emergem no contexto (*Pinóquio é feito de madeira/ Gepeto veio da Itália/ Os sete anões cuidaram da Branca de Neve/ A princesa não quer brincar de beijar o sapo* etc.), e que a preposição **contra** mantém o sentido de “choque, colisão”, independente do contexto em que estiver inserida (*O carro bateu contra o poste/ Não adianta correr contra o tempo/ O príncipe lutou contra o dragão* etc.).

Se pensarmos no contexto sintático em que essas duas preposições podem aparecer, perceberemos que a preposição **de** pode introduzir orações infinitivas e sintagmas nominais, sendo que os sintagmas nominais podem ser tanto argumentos como adjuntos do verbo (*João gosta de feijão/ O jacaré não nada de costas* etc.), ao passo que a preposição **contra** pode apenas introduzir adjuntos do verbo, além de compor algumas expressões idiomáticas (vide exemplos acima).

Estes diferentes comportamentos das preposições podem ser explicados através de diferentes níveis ou graus de *gramaticalização*. Pode-se entender a gramaticalização

---

<sup>8</sup> Para mais esclarecimentos, conferir Longhim (2003) e Dahl (2001), que fazem uma resenha da história do termo na Lingüística, Hopper & Traugott (1993), Heine & Reh (1984), que são ponto de referência para muitos autores, Lehmann (1985) e Di Meola (2001) que tratam a gramaticalização numa perspectiva sincrônica, Haspelmath (1999) sobre as vias (os caminhos) da gramaticalização, Rubba (1994) sobre o esvaziamento semântico e Squartini (1998) que trata de aspecto e acionalidade.

como sendo uma escala, um *continuum* em que as preposições podem ser dispostas conforme critérios morfológicos (pode ser amalgamada a outros itens lexicais?), semânticos (possui um conteúdo semântico específico, facilmente identificável, ou opaco?) e sintáticos (pode ser introdutora de quê?). As preposições mais gramaticalizadas são aquelas que podem ser variáveis, possuem um valor semântico opaco e estabelecem um grande número de relações sintáticas diferentes, como podemos observar no gráfico:

invariáveis	variáveis
contra < até < sobre < sob (-) entre	por < com < a < em < de para (+)

## 5. PREPOSITION-STRANDING

Discutir a variação das preposições acaba também por acarretar conseqüências: descobre-se que a seleção da preposição está ligada a níveis de gramaticalização da preposição que estão relacionados ao esvaziamento semântico, que está relacionado à variação e outros fenômenos ainda, como a *preposição desacompanhada*. Um exemplo deste fenômeno em inglês é:

*Who did you talk to?*

Salles (2003) discute este fenômeno, relacionando-o à possibilidade da preposição ser contraída com artigos definidos.

Nas línguas em que não há possibilidade de acontecer esse tipo de amálgama, as preposições podem aparecer órfãs (desacompanhadas, ou ainda *stranded*), ao passo que naquelas em que a contração ou combinação acontece, há o que os gerativistas chamam de “carreamento”, ou *pied-piping*. *Preposition-stranding* é um fenômeno marcado que pode acontecer sob certas condições sintáticas específicas, de acordo com a bibliografia consultada, nas seguintes línguas:

Inglês<sup>9</sup>, holandês<sup>10</sup>, islandês<sup>11</sup>, línguas escandinavas, em algumas línguas Kru da Costa do Marfim<sup>15</sup>, francês da ilha de Prince Edward<sup>12</sup> e, como foi descrito recentemente<sup>13</sup>, em polonês.

As preposições órfãs não poderiam se tornar independentes, porque estão morfológicamente amalgamadas ao artigo do sintagma nominal ou pronome que introduzem. Por esta lógica não poderá haver *preposition-stranding* em português com as preposições **a/ com/ de/ em/ para/ por**, porque elas são passíveis de contração e/ou combinação com artigos ou pronomes.

As preposições **até, contra** e **sem**, por exemplo, podem aparecer como formas livres: *Sou **contra!***

*Falou, falou, falou **até!***

*-Você quer com ou sem pimenta?*

*-Eu quero **sem.***

Estes contextos específicos fazem com que a preposição não tenha um complemento imediato depois de si e esteja desacompanhada. Contudo, não se pode comparar o *preposition-stranding* que é possível em inglês e outras línguas com esta preposição que aparece desacompanhada em português, porque em português existe a possibilidade de se ter formas livres, elidindo-se um complemento. Os complementos que as preposições introduziriam estão elididos, ao passo que em inglês os complementos são manifestados, apenas estão deslocados:

*This is the girl Obelix was talking **about**  $\phi$ .*

*Here is the paper Cacophonix was looking **for**  $\phi$ !*

---

<sup>9</sup> O primeiro a teorizar sobre o fenômeno foi Hornstein (1981), em inglês.

<sup>10</sup> Segundo Zwatts (1997).

<sup>11</sup> Segundo Maling & Zaenen (1985).

<sup>12</sup> Segundo King & Roberge (1990).

<sup>13</sup> Segundo Breul (2000).



Como já foi mencionado antes, *preposition-stranding* é um fenômeno altamente marcado, mas para que ele exista é necessário que a contração da preposição com outros elementos seja impossível.

Há, contudo, contrariando nossas expectativas, contextos específicos em que a preposição pode aparecer desacompanhada de complemento imediato em português, de modo que o complemento esteja deslocado, não elidido:

*Aquela barata que eu comentei e falei **sobre**  $\phi$ , é Níquel Náusea.*

**Sobre** não está na lista das preposições que são contraídas com artigo e/ou pronome. Esta não é, contudo, a única preposição que pode aparecer desacompanhada:

*Os Piratas do Tietê ainda não invadiram a cidade, mas estão em vias **de**  $\phi$ .  
Dinheiro eu não posso ficar **sem**  $\phi$ .<sup>14</sup>*

Podemos concluir, então, que as preposições mais gramaticalizadas da língua portuguesa não poderiam se tornar independentes, porque estão morfologicamente presas ao pronome ou determinante do sintagma nominal que introduzem. Por esta lógica não poderá haver *preposition-stranding* em português com as preposições **a/ com/ de/ em/ para/ por**, porque elas são passíveis de contração e/ou combinação com pronomes ou artigos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Edição Saraiva, 1969. AZEVEDO FILHO, L. A. de. *Gramática básica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1966.
2. BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

---

<sup>14</sup> Agradeço a Juanito Ornelas de Avelar pelo exemplo. Contudo, pode-se interpretar este dado como um fenômeno de topicalização. Todavia, é comum que a preposição seja elidida em processos de topicalização:

$\phi$  *Melancia* a Magali gosta  $\phi$ !

3. BERG, M. B. A natureza categorial da preposição. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, 7/ 1, UFMG, Belo Horizonte, 1998.
4. BREUL, C. Non-stranded preposition + relative who(m): syntactic discussion and corpus-related problems. In: *Studia Anglica Posnaniensia*, 35, 2000.
5. CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 1998.
6. CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Editôra Bernardo Álvares S.A., 1970 [1969].
7. \_\_\_\_\_. *Gramática de Base*. Rio de Janeiro: FENAME, 1979.
8. DAHL, Ö. *The maturation of linguistic patterns*. Manuscrito, Stockholm, 2001.
9. DE LEMOS, C. T. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. In: *Substratum*, 1 / 1, 1992.
10. \_\_\_\_\_. “Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna”. In: *The Trento lectures and workshop on metaphor and analogy*. Instituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica Italiano em Povo. Inédito, 1997.
11. \_\_\_\_\_. Questioning the notion of development: the case of language acquisition. In: *Culture & Psychology*, 6, 2000.
12. \_\_\_\_\_. Sobre o estatuto lingüístico e discursivo da narrativa na fala da criança. In: *Lingüística*, 13, 2001.
13. \_\_\_\_\_. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, 42, 2002.
14. DI MEOLA, C. Vom Inhalts- zum Funktionswort: Grammatikalisierungspfade deutscher Adpositionen. In: *Sprachwissenschaft*, 26, 2001.
15. DUARTE, Y. As construções com preposições desacompanhadas no inglês. In: *Delta*, 10 / 2, 1994 .
16. FIGUEIRA, R. A. Erro e enigma na aquisição da linguagem. In: *Letras de Hoje*, 30 / 4, 1995.

17. \_\_\_\_\_ “O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem”. In: PEREIRA DE CASTRO, M. F. (org.) – *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
18. \_\_\_\_\_ Marcas insólitas na aquisição de gênero. Evidência do fato autonímico na língua e no discurso. In: *Lingüística*, 13, 2001.
19. \_\_\_\_\_ A aquisição do paradigma verbal do português: as múltiplas direções dos erros. In: *Revista IEL 25 anos*, 2003.
20. GÓIS, C. *Sintaxe de Regência*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957.
21. HASPELMATH, M. Why is grammaticalization irreversible? In: *Linguistics*, 37, 1999.
22. HEINE, B. & REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in african languages*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 1984.
23. HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.
24. HORNSTEIN, N. Case Theory and Preposition-stranding. In: *Linguistic Inquiry*, 12 / 1, 1981.
25. KING, R. & ROBERGE, Y. Preposition Stranding in Prince Edward Island French. In: *Probus*, 2 / 3, 1990.
26. KLAUS, C. Grammatik der Präpositionen: Studien zur Grammatikographie. In: *Linguistik International*, 2, 1999.
27. KLEPPA, L. *Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem – ou “Vamo de a pé no carro do vovô?”* Campinas: IEL / Unicamp, dissertação de mestrado, 2005.
28. LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. In: *Lingua e Stile*, 20, 1985a.
29. LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1998.
30. LONGHIM, R. S. *A gramaticalização da perífrase conjuncional SÓ QUE*. Campinas: IEL / Unicamp, Tese de doutorado, 2003.
31. LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985.

32. MALING, J. & ZAENEN, A. Preposition-stranding and passive. In: *Nordic Journal of Linguistics*, 8 / 2, 1985.
33. MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Academica, 1970.
34. NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
35. RAUH, G. Präpositionen: eine geschlossene Klasse? In: *Die Neueren Sprachen*, 89, 1990.
36. \_\_\_\_\_ “Prepositional forms in the lexicon: problems and suggestions” In: *Approaches to Prepositions: Tübinger Beiträge zur Linguistik*, 358, 1991.
37. \_\_\_\_\_ “Grammatische Kategorien”. In: *Theorie des Lexikons: Arbeiten des Sonderforschungsberreichs*, 282, 1993.
38. RIEMSDIJK, Van H. C. *A case study in syntactic markedness: the binding nature of prepositional phrases*. Leiden: The Peter Ridder Press, 1978.
39. RUBBA, J. “Grammaticization as semantic change: a case study of preposition development”. In: PAGLIUCA (ed.) – *Perspectives on Grammaticalization*, 104, 1994.
40. SALLES, H. M. M. L. Aspectos da sintaxe de pre- e posposições em línguas românicas e germânicas. In: *Letras de Hoje*, 131, 2003.
41. SCHELLINGER, W. Zu den Präposition- Artikel- Verschmelzungen im Deutschen. In: *Linguistische Berichte*, 115, 1985.
42. SOARES, S. F. V. & LOURENÇO, J. A produtividade da preposição “de” no sistema do português. In: *Estudos Lingüísticos*, 23, 1994.
43. SOUZA LIMA, M. P. *Grammatica expositiva da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
44. SQUARTINI, M. “Introduction”. In: *Verbal periphrases in Romance: aspect, actionality and grammaticalization*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1998.

45. STOLZ, T. Flexion und Adpositionen, flektierte Adpositionen, adpositionelle Flexion. In: *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, 43 / 3, 1990.
46. TÔRRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editôra Fundo de Cultura, 1963 [1959].
47. VESTERGAARD, T. On the open-endedness of the form–class “preposition” in English. In: *English Studies*, 54, 1973.
48. ZWATTS, J. – Complex prepositions and P-stranding in Dutch. In: *Linguistics*, 35/6, 1997.